ANO XII / MAIO DE 1954 / N.º 115



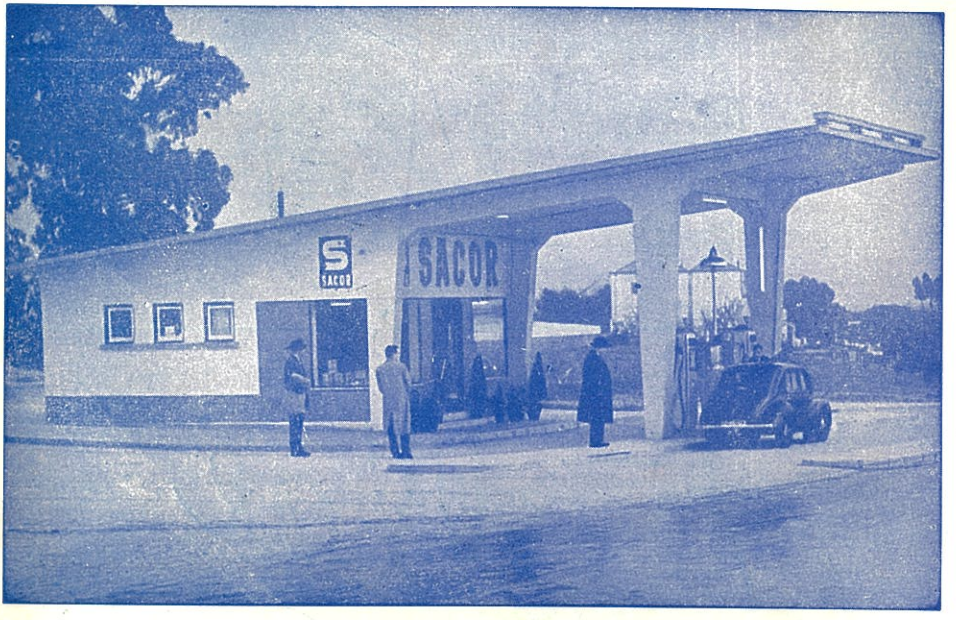
Novellae

OLIVARUM

SACOR

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

Um esforço diário de
800
Portugueses



S A C O R

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

E. PINTO BASTOS & C.ª, da

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS
SEGUROS **CARVÃO**

(REPRESENTAÇÕES
INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES
TRANSITÁRIOS
ETC., ETC..

NO PORTO

KENDAL, PINTO BASTO & C.ª, L.da

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

Tecidos pretos

R.M.

MARCA REGISTADA

Praça dos Restauradores, 13-3.º — Tel. 30876 — LISBOA
(Tem elevador)

Apresenta a maior existência de lanifícios pretos para o **clero, seminaristas** e **ordens religiosas.**
Peça amostras ou visite o nosso estabelecimento para melhor escolha. Concedemos facilidades de pagamento

N. B **Não fazemos descontos mas vendemos aos melhores preços**

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — Rua das Flores, 69

LISBOA — Praça dos Restauradores, 14

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — ANTÓNIO JORGE MARTINS
Redactores — ANTÓNIO BAPTISTA DOS SANTOS
— LERENO SEBASTIÃO DIAS
Proprietário e editor — CARLOS LEONEL PEREIRA DOS SANTOS
Administrador — MANUEL GOMES SOARES

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

SUMÁRIO

O Pontificado de Pio IX e a proclamação de um dogma — A. Jorge 127
Nossa Senhora na Filatelia — Carlos Leonel 135
Santuários Marianos na América — A. Carrilho 137
Os nossos pobres — Manuel Nabais 143
O cinema e Nossa Senhora — Cláudio Teixeira 146
Da iconografia cristã — A Açucena — A. Teles 150
Apresentamos 151
Panorama 154



O PONTIFICADO DE PIO IX
e a proclamação de um Dogma

Muito embora seja um valor adquirido em lutas e perseguições sangrentas, o espírito liberal dos tempos modernos trouxe também reais vantagens, mesmo no campo religioso: vantagens positivas e imediatas nos países protestantes e em terras asiáticas, onde abriu caminho aos católicos em nome das liberdades e direitos da pessoa humana: assim na Holanda, Inglaterra e Escandinávia e até, em certo modo ,na Turquia, China, Japão e Estados Unidos. Nas nações católicas, vantagens menos visíveis e imediatas, mas nem por isso de menor valor: prepararam a evolução para o nosso século, conduziram a um cristianismo mais espiritual e activo e menos solidarizado com as instituições profanas.

Para o cidadão do Antigo Regime, a Revolução Francesa, não seria mais do que explodir do sectarismo igualitário que destruiu privilégios antigos e pergaminhos legítimos. O cristão não veria nela mais do que a fúria perseguidora e iconoclasta da maçonaria, fruto daninho de ervas más semeadas tempos antes por Lutero e seus sequazes. Aos democratas optimistas ela aparecia como a libertação do homem, o triunfo da igualdade, a restauração da fraternidade entre os Povos. A Revolução Francesa, no entanto, não pode considerar-se como mero fenómeno local, uma vez que convulsionou a Europa inteira e foi reflectir-se na emancipação da América do Sul, modificando assim toda a face da história moderna, pelo menos no que toca à civilização ocidental.

Nas suas últimas consequências, e após século e meio de retrospecção histórica, ela não passou de uma etapa inevitável na evolução do nosso mundo. Evolução essa que, nem por ser necessária, é menos dolorosa.

Com João Maria Mastai, o futuro Pio IX, tinha nascido uma civilização nova, mas estava ainda em bruto e por domar. Foi em 1792, nos últimos dias da Assembleia Legislativa e nas vésperas da Convenção.

Era ainda muito cedo e os cristãos do tempo não estavam preparados para discernir o que havia de salutar em mensagem tão ambígua. O que ressaltava à primeira vista, isso sim, estava bem patente: o desaparecimento bárbaro da família real, o culto sacrílego da Razão na Catedral de Notre Dame, toda a casta de tropelias e blasfêmias.

O AMBIENTE À MORTE DE GREGÓRIO XVI

O antecessor de Pio IX foi muito caluniado pela história. A sua desconfiança por todas as invenções do progresso moderno e os espíritos intransigentes de que se rodeou eram o que havia de mais próprio a encarniçar o ódio dos revolucionários. Pela Europa fora corriam os novos princípios libertadores e o mundo começava a abrir-se na ânsia de miragens novas. Só nos Estados Pontifícios tudo seguia inalterável, na mesma rotina de outros tempos. As prisões transbordavam de carbonários, precursores da unificação italiana. As poulações rurais lamentavam o atraso em que viviam: Gregório XVI nunca deixara introduzir nos seus Estados algumas realizações elementares do progresso moderno tais como os caminhos de fero e a iluminação a gás. Os espíritos cultos, finalmente, não suportavam a ingerência exclusiva dos clérigos mesmo no governo temporal dos Estados e reclamavam responsabilidade na administração do profano. Compreendem-se desta forma os anseios e a expectativa de todos os espíritos à morte de Gregório XVI.

A FIGURA DE PIO IX

Os Cardeais temiam o espírito intransigente do Cardeal Lambruschini, antigo Secretário de Estado, sob Gergório XVI. E elegeram J. M. Mastai, arcebispo de Imola.

Ao que parece, a família do novo Papa era de tradições liberais. Atribui-se mesmo a Gregório XVI esta frase: «*In casa dei Mastai tutti sono liberali, fino al gatto*». O dito devia ter certo fundamento.

Pio IX começou logo por atenuar certas atitudes do seu Predecessor: concedeu amnistia geral a todos os presos políticos, estabeleceu uma comissão para elaborar um novo programa de reformas administrativas e decidiu-se a abrir vias férreas nos Estados Pontifícios. Logo o público

se convenceu de que tinha um Papa liberal e por todo o mundo começaram as manifestações de simpatia.

De facto, o único liberalismo de Pio IX estava no seu espírito acolhedor e aberto, na sua caridade e dedicação. A tanta simplicidade e doçura não andavam habituados os romanos pois era bem diferente o seu Predecessor, reservado e pouco acessível. Tais dons de simpatia, que foram sempre a melhor arma de Pio IX, as medidas que logo tomou para cortar certos abusos na administração pontifícia entusiasmaram o povo de Roma que em breve pretendeu ver no Papa o campeão da unificação italiana.

Tais aclamações não deviam cair muito bem na Corte de Viena, protectora oficial da Santa Sé. Era primeiro ministro o conhecido Metternich, o supra-sumo do conservadorismo e do espírito de outros tempos. A Áustria tinha interesses no Norte da Itália, por isso muito se afligia o Chanceler: «Tínhamos previsto tudo, menos um Papa liberal!» (1)

Os conservadores reagiam e conta-se que seis semanas após a eleição já alguns capelães de freiras convidavam as suas dirigidas a pedir a Deus que se dignasse afastar da Igreja os males que a ameaçavam, «sob o governo de um Pontífice liberal».

Não obstante, o ambiente geral no mundo católico parece aproximar-se mais do entusiasmo que revela uma carta de Ozanam a D. Guéranger, em 1847:

«Este Papa que encontramos na rua a pé, que esta semana ia visitar uma pobre viúva e a socorria sem se dar a conhecer, que há quinze dias prègava ao povo reunido em S. Andrea della Valle, este corajoso reformador dos abusos do governo temporal, parece ter sido verdadeiramente enviado por Deus para resolver o grande problema do século XIX, a Aliança da Igreja e da liberdade». (2)

«Fiel às obrigações do nosso Supremo apostolado, nós abraçamos todos os países, todos os povos, todas as nações num igual sentimento de paternal amor». (3)

O Papa não podia transigir. Não podia abraçar a violência e os

---

(1) Cit. em R. AUBERT, *Le Pontificat de Pie IX* (Hist. de l'Église — A. Fliche, T. 21), pág 18.

(2) Cit. em Dom DELATTE, *Dom Guéranger, abbé de Solesmes*, T. 1 pág. 410.

(3) Cit. em R. AUBERT, *Le Pontificat de Pie IX*, p. 31. Na obra de G. MOLLAT, *La Question Romaine*, (Paris, 1930), além de boa documentação, encontrar-se-á o desenrolar progressivo dos acontecimentos; começa com Pio VI e vai até ao Tratado de Latrão (1929).

exageros dos seus compatriotas. Assim as esperanças do início em breve se viram desfeitas. A unificação da Itália era um destes movimentos obscuros qne avançam irresistìvelmente arrazando tudo à sua passagem, leis, princípios e direitos. O momento político era uma destas encruzilhadas onde é inevitável fazer sangue e a História caminha infalìvelmente, ainda que por sobre a dor.

O problema ia-se complicando cada vez mais uma vez que o Papa era senhor temporal de regiões que os patriotas italianos cobiçavam e pretendiam...

Daqui resultava uma atitude pouco firme que pendia ora para um lado ora para o outro, uma vez que ele sentia os problemas da Itália e ao mesmo tempo tinha de defender as normas que ao tempo julgava inamovíveis. O erro de visão que não deixava a Pio IX adivinhar o curso da História, tentam explicá-lo modernamente pela influência conservadora do Secretário de Estado, o discutido Cardeal Antonelli, partidário do autoritarismo, fechado a tudo o que soubesse a reivindicações. Sobretudo a partir dos desacatos de Roma, em 1848, que obrigaram o Papa a refugiar-se em Gaeta, voltou a acentuar-se o antigo carácter absolutista da Cúria Romana, o que levou alguns liberais a exclamar: «Gregório XVI ressuscitou: reina de novo no Quirinal!»

Ao que parece, a partir de 1850, Pio IX abandonou toda a política externa ao Cardeal Antonelli e passou a dedicar-se de alma e coração ao aspecto espiritual das suas funções. Começou então um período sereno, o mais sereno do seu Pontificado, enquanto não chegavam os dias amargos da tomada de Roma pelas tropas de Vítor Manuel, em 1870.

Não obstante a perda de prestígio externo que foi objectivamente uma injustiça, dessas que podemos considerar providenciais, há unanimidade de parecer nos historiadores quando assinalam o Pontificado de Pio IX como um dos mais gloriosos no que respeita à vida interna da Igreja. A criação de 206 novas dioceses e vicariatos apostólicos, o estabelecimento da Hierarquia na Inglaterra, Escócia e Holanda, a centralização de toda a vida da Igreja em Roma com o consequente desaparecimento do espírito galicano e josefista, enfim, o incremento dado à piedade do povo cristão, fazem deste Pontificado um dos mais importantes da História da Igreja. Um dos marcos mais ilusres no que toca a medidas desta natureza foi a proclamação do Dogma da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem.

*
* *

O PROGRESSO DOGMÁTICO

A Igreja tem promessas de vida eterna. Vivificada e assistida pelo Espírito Santo, ela continuará pelos séculos fora o *sinal levantado entre as nações* (Is. XI, 12), a única comunidade de salvação, a grande força santificadora. Mas ela é também um corpo orgânico e como tal sujeita à evolução. É a lei de todos os seres vivos. Quando o Senhor lhe entregou o depósito das verdades reveladas, não o confiava a um organismo morto. Assim, nos vários dogmas revelados, necessidades novas farão descobrir os aspectos mais proveitosos, épocas diferentes farão realçar facetas mais apropriadas. Este caminhar, sob a assistência do Espírito Santo que se traduz nas orientações visíveis do Magistério, há-de seguir pelos tempos fora até ao fim do peregrinar terrestre. E como a verdade é uma só, realizar-se-á, como diz a Teologia, sempre *no mesmo sentido e na mesma sequência.*

Não é de estranhar que por vezes se encontrem discordâncias na tradição do longo dos séculos. Onde não há caminho aberto, não se segue logo à primeira pela rota definitiva.

Inspirando-se em Santo Agostinho, os teólogos modernos distinguem na história da verdade revelada três momentos ou estádios sucessivos.

1) *Estádio de fé implícita:* não se levanta o problema da existência de tal dogma, embora de facto ele esteja já contido noutros que porventura são pacìficamente acreditados em toda a Igreja.

2) *Estádio das controvérsias e heresias:* surgem as dúvidas e discórdias. Aparecem os defensores e adversários e, para se chegar a uma solução, todos procuram examinar com maior acuidade a verdade discutida.

3) *Estádio de fé católica:* pronuncia-se a Autoridade Suprema, ou por um juízo solene e infalível, definindo, ou declarando, pelo magistério ordinário, que tal verdade deve ser acreditada por todos os cristãos.

O DOGMA DA IMACULADA CONCEIÇÃO

Modernamente, os teólogos estão de acordo em não descortinar, na Tradição primitiva da Igreja, testemunhos explícitos. Todos reconhe-

cem, no entanto, a existência do privilégio impìcitamente reconhecida na unanimidade das afirmações dos Santos Padres quando interpretam a promessa do Proto-Evangelho, o Dogma da Maternidade da Virgem e a riqueza e alcance da expressão «cheia de graça» na Ave Maria.

O estádio de controvérsia, que aliás nunca existiu no Oriente, ter-se-ia aberto nos princípios do século XII, preparado já nos fins do século anterior. Entre os adversários do Dogma encontram-se espíritos da craveira de S. Bernardo e S. Tomás de Aquino. (1)

Seja como for, o certo é que da discussão saiu a luz e já em 1438 em Basileia se apontava a crença na Conceição Imaculada da Virgem como doutrina «conforme ao culto da Igreja, à fé católica, à recta razão e à Sagrada Escritura». A assembleia de Basileia então já não tinha autoridade ecuménica mas os seus termos foram sendo confirmados pelo magistério autêntico, pelo que se aponta a data de 1438 como iniciando o estádio de fé católica.

A crença foi-se desenvolvendo cada vez mais. No século XVIII o culto à Imaculada Conceição era universal nos países católicos. O amadurecimento encaminhava-se pora o termo.

A aparição a Santa Catarina Labouré em 1830, originou a devoção da medalha milagrosa que tinha gravada, por ordem da Senhora, a seguinte jaculatória: «Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós».

Em Roma choviam de toda a parte pedidos para a inclusão da invocação «Rainha concebida sem pecado original» nas Ladainhas de Nossa Senhora e da partícula «Immaculata» (Et te in Conceptione Immaculata) no Prefácio da Festa que já então se celebrava por todo o orbe católico. E o privilégio ia deixando de o ser, tanto ele se generalizava.

Gregório XVI seguia com o maior interesse este entusiasmo do mundo católico, mas hesitava na proclamação solene, talvez porque ainda não se tinham pronunciado os Bispos de regiões protestantes, sobretudo da Alemanha e da Inglaterra.

De facto, o ambiente nas Universidades da Alemanha não era muito propício a uma definição desta natureza. Por um lado a reacção protes-

---

(1) Hoje discute-se bastante a natureza de tal oposição. Segundo alguns historiadores, ela ter-se-ia originado por reacção contra os conceitos menos rigorosos dos defensores coevos. cf. LE BACHELET, *Dict. Théol. Cath.*, art. Immaculée Conception, col. 995 sgs.

tante e por outro, atendendo apenas à falta de testemunhos explícitos nas fontes da Revelação e na Tradição primitiva, e não dando o realce à missão clarificadora do Espírito Santo na Igreja, não eram de parecer que se pudesse definir essa verdade. A maior figura do Catolicismo alemão, Doellinger, com numerosos discípulos, não compreendiam bem o progresso subjectivo do Dogma.

No entanto, o movimento era irresistível. Quando Pio IX subiu ao trono, a Congregação dos Ritos promulgou um ofício inteiramente próprio da Imaculada Conceição. E apesar da violência dos motins de Roma que tinham obrigado o Papa a refugiar-se em Gaeta, desta cidade publicou Pio IX em 1849 a encíclica «UBI PRIMUM», onde se refere à comissão de teólogos que já tinha instituído no ano anterior para o estudo dos argumentos, e pede aos Bispos do mundo inteiro que dêem o seu parecer, que organizem nas respectivas dioceses preces públicas e que lhe transmitam sem mais delongas o sentir do Clero e do povo cristão. (1)

Finalmente, a 8 de Dezembro de 1854, pela bula «INEFFABILIS DEUS», depois de referir as conveniências do novo dogma e como ele está contido no privilégio da Maternidade Divina, no Proto-Evangelho e na Ave Maria, segundo a interpretação constante da tradição patrística, Pio IX proclamava solemente, definindo «como revelada por Deus e, em consequência, devendo ser acreditada como tal por todos os fiéis com a maior firmeza e constância, a doutrina segundo a qual a B. V. Maria, no primeiro instante da Sua Conceição, por um dom e privilégio singular de Deus Todo-poderoso, e em atenção aos méritos de Jesus Cristo Salvador do género humano, foi preservada imune de toda a mancha da culpa original». (Denz. 1641).

A leitura da Bula durou oito minutos apenas. As lágrimas de Pio IX fizeram-no interrompê-la várias vezes. Os 200 Cardeais, Arcebispos e Bispos que estavam presentes e a multidão imensa, apinhada na basílica de S. Pedro, todos acompanhavam o sentir do Papa.

Logo pelo mundo cristão se multiplicaram as manifestações de devoção em honra da Conceição Imaculada. No Reino de Nápoles, a ordens de Fernando II, anunciava-se o novo dogma ao som de artilharia.

Não era apenas a piedade dos fiéis que progredia. Por um acto solene do Magistério da Igreja chamava-se a atenção do mundo inteiro

(1) ENCICLICHE MARIANE, Roma, 1950, p. 4-6.

para certas realidades espirituais que corriam o perigo de não ocupar o lugar devido nas preocupações dos homens.

Com o Dogma da Imaculada Conceição vinha implìcitamente o reconhecimento do pecado original e da necessidade da Redenção, restituía-se o apreço e estima da graça santificante e da vida sobrenatural. Isto era sintomático e precioso numa altura em que os homens começavam a tentar organizar o mundo por si próprios e a ter em menos conta a missão sobrenatural da Igreja.

Ao mesmo tempo faziam-se convergir os olhos dos governos europeus para a força moral do Sumo Pontífice. Até ali batida por tantas teorias de direito galicano e jansenista, a autoridade suprema do Papa voltava a afirmar-se suprema sobre a Igreja Universal. Isto teria levado um Bispo da Cúria Romana a dizer que « o mais importante não é o novo dogma em si mesmo, mas a maneira como ele é proclamado». (1)

Muito embora não tenha merecido grande relevo dos historiadores, mesmo dos historiadores da Igreja, nem por isso este acto do Magistério de Pio IX conseguiu menor alcance teológico.

A História dos acontecimentos esconde uma outra, inatingível pelas nossas capacidades naturais, embora possa ser adivinhada à luz da fé. A Igreja é por natureza um mistério. Que não se sujeite, pois. a sua história ao evoluir do progresso técnico ou do progresso social. A missão da Igreja é libertar as almas do cativeiro do pecado. Os grandes momentos serão por conseguinte os que dizem respeito imediatamente à nossa libertação das Trevas. Enquadrada neste aspecto, a proclamação do dogma da Imaculada Conceição foi um destes momentos que permanecem e se traduzem em frutos espirituais. E neste sentido, podemos dizer que o Pontificado de Pio IX foi de uma fecundidade incomparável.

A. JORGE

---

(1) Cit. em R. AUBERT, *Le Pontificat de Pie IX*, p. 279.



Nossa Senhora na Filatelia

A Virgem Nossa Senhora, ocupa lugar preponderante na filatelia mundial.

Sempre através dos tempos a Virgem tem sido a grande inspiradora.

Na poesia como na música, na pintura e na escultura, Ela ocupa um papel notável como elemento de inspiração artística.

Não podia também a filatelia, a que verdadeiramente podemos chamar uma arte, ficar indiferente perante esta natural simpatia do génio humano pela pessoa da Virgem.

Há no mundo 194 selos que representam a Virgem Maria. Foi em 1920 que na Baviera, no Liechtenstein e na Lituânia, apareceu pela primeira vez a imagem de Nossa Senhora em selos de correio.

Cinco nações proclamam Nossa Senhora sua excelsa Padroeira. A Hungria, em 1938, na comemoração do IX centenário da morte de S. Estêvão, apresenta-nos o rei S. Estêvão oferecendo a sua coroa a Nossa Senhora e noutro selo, a Virgem ostentando a coroa da Hungria e a legenda: «Padroeira da Hungria».

O Haiti, apresenta 14 selos com esta legenda: «Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Padroeira do Haiti».

Na Baviera sairam nove com a frase: «Patrona Bavariae» — *Padroeira da Baviera.*

O Luxemburgo declara-A nos seus selos «Pratona civitatis».

Portugal, em 1946 emitiu 4 selos com a imagem de Nossa Senhora e a legenda: «III Centenário do Proclamação da Padroeira».

Entre os países que têm prestado a sua homenagem à Virgem Nossa Senhora, colocando a sua veneranda imagem nos selos de correio, ocupam lugar de relevo, a Hungria, a Espanha e Portugal.

A Espanha tem 26 selos dedicados à «Virgem Negra» de Monserrat e à Virgem do Pilar. Os selos emitidos para o correio aéreo no I.º Centenário da Aparição da Virgem do Pilar, reproduzem a Assunção e coroação de Nossa Senhora em quadros célebres de Goya.

Na Bélgica, em 1949, dois selos da série em benefício da reconstituição da abadia de Orval, reproduzem quadros de R. Van der Weyden: a Virgem aleitando o Menino e a Virgem junto à Cruz.

O Vaticano em 1951, comemorando a definição do dogma da Assunção, emitiu dois selos com as legendas: «Assumpta est Maria in coelum» e «Gaudent angelis».

Portugal, presentemente, é o pais que conta maior número de selos dedicados a Nossa Senhora.

Sem contar os discutidos selos de Macau de 1945, encontramos a imagem de Nossa Senhora em 47 selos distribuídos por 8 tipos diferentes.

Notemos todavia que só em 8 de Dezembro de 1946 apareceram os primeiros quatro a que nos referimos.

Em 1948, para comemorar a visita da veneranda imagem da Virgem pelo Por-

tugal de além-mar, foi emitido um selo representando a aparição da Virgem aos videntes de Fátima, em desenho de Almada Negreiros.

O Ano Santo de 1950, foi comemorado na filatelia portuguesa com quatro selos de um só tipo, desenho de Martins Barata sobre escultura de Leopoldo de Almeida.

O encerramento do Ano Santo em Fátima, foi motivo para nova emissão sobre Nossa Senhora de Fátima, nos selos destinados ao Ultramar.



Esta emissão é curiosa e invulgar. Cada selo tem ligada uma banda de igual tamanho onde se reproduzem frases de Pio XII e do Senhor Cardeal Patriarca; assim, no selo de Macau, podemos ler:

«Rainha de Portugal, dai ao mundo a Paz na verdade e na justiça de Cristo». Pio XII

No selo de Timor, estas palavras do Senhor Cardeal Patriarca: «Foi o coração compassivo da Virgem Imaculada que fez o milagre de Fátima».

A exposição de Arte Sacra Missionária, no mosteiro dos Jerónimos, em 1951, foi comemorada em emissão para o Ultramar, que reproduz imagens e aspectos da mesma exposição.

Os selos da India, Macau e Timor reproduzem um busto e imagens da Virgem. O carácter estilizado das figuras reflete a mentalidade espiritual da civilização.

É de esperar que este ano Mariano não deixará de ter também na Filatelia uma digna comemoração.

O que fica escrito é uma pálida ideia da influência exercida pela Virgem no vasto campo da Filatelia.

Quisemos prestar a nossa homenagem à Virgem Nossa Senhora, mostrando que o selo não é um simples pedaço de papel com uma imagem qualquer.

É a obra de um artista a que foi confiada a materialização duma ideia. E o selo nas suas funções vai espalhá-la por toda a parte.

CARLOS LEONEL

Santuários Marianos da América

São muitos os templos erguidos em acção de graças e louvor à Virgem Santa Maria. Por todo o universo, as almas acorrem aos santuários marianos a implorar as bênçãos do Céu «com a certeza de encontrar a porto seguro nas tempestades da vida...» É desses santuários focos para onde convergem os fiéis e donde irradiam fontes de luz, que no presente se fala. E porque menos conhecidos de nós, europeus, aqui ficam algumas notas sobre alguns santuários da América consagrados a Nossa Senhora.

*
* *

Em GUADALUPE HIDALGO, no México, encontra-se o Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira principal da cidade. Situa-se no monte Tepeyac, local da aparição da Virgem.

Uma tradição constante e antiquíssima narra o episódio como se segue.

No ano de 1531, no dia 9 de Dezembro, Juan Diego, neófito índio, dirige-se a México. Ao atravessar o monte Tepeyac aparece-lhe a Virgem Nossa Senhora, por entre raios de luz; transido de medo, mais atónito fica quando a Senhora lhe diz que vá ao Bispo e lhe rogue licença para a construção de um templo naquelas paragens. Diego, mergulhado simultâneamente em admiração e susto, caminha um tanto indeciso para o Paço. Como era natural, o Bispo Zumárraga suspeita do testemunho e recusa-se a aceitar tal prodígio. Insta com o índio inquirindo de como se passara o caso e, finalmente, anui com a condição de que lhe apresente provas convincentes. Juan segue para casa do tio, então prostrado no leito por uma doença. Não mais o preocupou a aparição. Eis, porém, que um dia a doença se agrava e Juan é convidado a chamar um sacerdote. Parte pressuroso e, no mesmo sítio, novamente a Virgem se lhe

põe no caminho, pedindo para colher flores e levar ao Bispo um ramo. O rapaz, só depois de Nossa Senhora ter assegurado a cura do tio, correu ao Paço. Na presença do Prelado, ao desdobrar o ramos de rosas, uma imagem da Imaculada Conceição pintada num quadro cai aos pés de ambos. O Bispo examina-a com atenção e vê com extraordinário espanto que estava conforme ao que Juan Diego havia descrito quando da primeira vez.

Guardado esteve o quadro na capela episcopal até que, convocados técnicos de pintura, o estudaram com meticuloso escrúpulo, admirando nele a abundância e combinação de cores, a perfeita harmonia de proporções que aparentavam aspecto de donzela de quinze anos, e a sua riqueza em ouro.

Quanto à veracidade do facto, crê-se estar provado, dada a existência de documentos escritos referentes a Juan Diego e de uma carta do Bispo Zumárraga em que conta pormenorizadamente o caso milagroso aos seus irmãos franciscanos.

Em acção de graças e cumprimento da promessa, anos depois, no monte, levantou-se uma ermida à volta da qual se foram construindo casas que a piedade dos nativos erguia, até que, em 1575, o vice-rei espanhol pede a Filipe II licença para a construção duma capela onde se guardou o quadro referido. Essa capela serve hoje de sacristia à actual basílica. Foi por volta de 1709, que se erigiu na cidade Guadalupe Hidalgo o sumptuoso templo de ordem dórica com três ordens de naves de oito colunas. Nos quatro ângulos exteriores levantam-se quatro torres de 32 metros de altura e uma cúpula de cerca de 40 metros.

Actualmente a imagem encontra-se num altar de prata dourada, obra de Frei António Jura.

«*La Colegiata de Nuestra Señora de Guadalupe*» é, em nossos dias, centro de extraordinária concorrência de peregrinos, principalmente no dia da festa principal, a 8 de Dezembro. Todos os anos, dos confins do México, acorrem a Guadalupe legiões inúmeras de fiéis movidos de devoção pela Virgem Santíssima a quem deixam ofertas no altar e erguem fervorosas preces.

*

* *

Nas Antilhas, — REPÚBLICA DOMINICANA — ergue-se altaneiro

o santuário da Virgem de Altagraça, fonte de extraordinária devoção por parte dos dominicanos. De toda a ilha ali vêm implorar as bênçãos de Deus centenas de milhares de peregrinos. A invocação da «Virgem de Altagraça» é das mais antigas da América. Data do século XVI.

Conta-se que a um espanhol de Duey (hoje Salvaléon) que ia à cidade de São Domingos tratar de negócios, a filha o encarregou de lhe trazer uma imagem da Virgem. Atenta a grande difusão do culto, não se preocupou. Quando, porém, chegou à cidade, depois de muito procurar não conseguiu nada. Havia corrido todos os estabelecimentos, fora às igrejas, perguntara a sacerdotes e até ao Arcebispo tinha rogado tal mercê. Era, na verdade, extraordinário!

Tão conhecido o culto da Virgem, e não se achava uma imagem de Altagraça!... Contristado volta a casa, quando no caminho um ancião de barba e cabelos brancos se lhe dirige indagando qual a causa do seu abatimento. Ao inteirar-se do que se passava, tirou do alforge uma imagem pintada a óleo e entregou-lha, assegurando ser a da Virgem de Altagraça. Representava Nossa Senhora contemplando o Menino Jesus reclinado num leito. São José ficava atrás, embrulhado num manto, tendo na mão uma vela acesa. Foi essa Santa imagem que o pai correu a levar à família que o aguardava, segundo se conta, no sítio onde actualmente se venera tal imagem no Santuário de Higuey, sito a 130 Km. de Trujillo.

Segundo notícia recente, sabe-se que faz parte das comemorações do Ano Mariano a construção de uma Basílica monumental em honra da Virgem, na cidade de Trujillo.

*
* *

Na Bolívia, Maria Santíssima é venerada com grande luzimento no Santuário de «La Virgen de la Candelaria», em COPACABANA. Disfruta esta cidade de situação geográfica proeminente na península do mesmo nome, sobranceira ao Lago Titicaca, perto da fronteira do Perú.

O Santuário, em tempos o mais rico e famoso do Sul da América, é do estilo peculiar da arquitectura espanhola da época colonial com pormenores dóricos e coríntios, e encimam-no duas soberbas cúpulas. A imagem da Virgem, é obra de um índio.

Conta a tradição que após a conquista em 1538 pelos espanhóis, o

índio Tupac Yupanqui, natural de Copacabana, excitado pelo amor ao Cristianismo que abraçara, sentiu profunda devoção a Nossa Senhora. Decidiu empreender a realização de uma imagem para o seu culto, e, como naqueles tempos os católicos da América do Sul sentiam particular fervor na devoção à Senhora das Candeias, escolheu este título para tema de representação. Apesar de pouco culto, mesmo um tanto rude, o amor que dovotava à Virgem inspirou-o e tudo era favorável à resolução. Foi em La Paz, capital da Bolívia, que terminou a escultura, após duros labores de alguns anos. Esculpida com adornos dourados e incrustações de cores, a imagem apresenta alto valor, não só dadas as condições extraordinárias em que foi feita, mas até como primor artístico.

Frequentemente as crónicas relatam casos milagrosos, devidos à intercessão da Virgem; e hoje em dia espanta a atribuição de verdadeiros milagres concedidos por intermédio da «Milagrosíssima Virgencita».

Segundo é hábito referir-se, o templo ocupa o lugar onde séculos antes o inca Tupac Yupanqui fundara um edifício de alojamento aos peregrinos, vindos das partes do Império índio para visitar o «*Templo do Sol*» ou «*Chuquitu*» e render ao grande chefe as homenagens. Este famoso templo que «parecia de ouro» no dizer dum autor, gozava de incontáveis prerrogativas por concessão especial do inca e a cidade era, por isso, considerada desde a fundação como Santa.

Ao Santuário «de la Virgen de la Candelaria» ou «de la Virgen de Copacabana» como mais vulgarmente se conhece, chegam durante quase todo o ano multidões imensas de peregrinos. São típicas as festas anuais. A quietude da cidade tão característica, é nessas alturas cortada pelo bulício do entusiasmo esfusiante que os nativos sabem imprimir aos festejos. Oferecem algo de pitoresco as cores vistosas dos trajes, algo de típico e alegre as danças coreográficas, algo de religioso os hinos cantados em língua «aymerá» tristes e melancólicos com ressaibos de tonalidade musical árabe, não falando já da procissão que cada um acompanha com solenidade e respeito.

*
* *

Descendo à Argentina encontra-se em *Luján,* a 60 Km. de Buenos-Aires, na margem do rio do mesmo nome, a majestosa basílica de Nossa

Senhora de Luján. À sua protecção estão confiadas as três repúblicas sul-americanas do Paraguai, Uruguai e República da Argentina desde 8 de Maio de 1887. Com este título venera-se uma imagem da Virgem Santíssima, trabalhada em terracota ou argila cozida. Os pés da Virgem assentam sobre nuvens donde emerge uma meia lua; à volta quatro anjos, manto azul e salpicado de estrelas caindo sobre uma túnica roxa, cabeça circundada por uma coroa de ouro.

Quanto à origem da imagem, rezam documentos que um português quis levantar uma capela à Imaculada Conceição em Sumampa, perto de São Jerónimo de Córdova. Mandou vir do Brasil uma imagem. O amigo (ignora-se qual o motivo do seu procedimento) em vez de uma envia duas as quais chegaram a Buenos Aires em 1630. Na primeira ocasião as imagens partiram numa caravana. Pela região do rio Luján, actualmente chamada« Paso de la Virgen», o carro onde seguiam as imagens começou a afundar-se no terreno. Depois de baldadas tentativas verificou-se que só quando carregada com a imagem da Imaculada o carro se não movia. Tomaram o prodígio como sinal do céu. A Virgem queria ser honrada naqueles sítios. Chamava-se o lugar Cañada de la Cruz.

Permaneceu aí a imagem da Imaculada e a outra seguiu para Sumampa onde é invocada como Nossa Senhora da Consolação.

Desde 1630 até 1670 lá esteve a Imagem. data em que morreu Dom Resendo, de Oranas, a cujo cuidado ficara a dita. Como sinais prodigiosos conta-se que tendo levado a imagem para uma outra casa perto do rio Luján, por duas vezes desaparecera tendo reaparecido na antiga capela.

Ignoro qual a devoção do culto, mas sei que em 4 de Dezembro de 1910 a basílica actual foi inaugurada. Basílica sumptuosa e ampla (comporta 30 000 pessoas), de estilo ogival revestida por dentro de mármore branco, erguida entre duas torres de grandíssima altitude. Desde então até aos nossos dias, a afluência de peregrinos e romeiros tem sido elevada, registando-se inúmeras peregrinações todos os anos em 8 de Maio.

*
* *

VENEZUELA — Em Guanara, centro de 8.000 habitantes entre os cumes dos Andes e a planície, privado das comodidades da vida moderna

mas objecto da predilecção da Virgem, vê-se o grandioso monumento de «*Nossa Senhora do Coromoto*», obra do escultor espanhol António Rodriguez del Villar.

Segundo a tradição, um índio de Guanara, Coromoto, ainda embrenhado no paganismo, resistia tenazmente à voz da graça. Um dia, em 1652, num pobre tugúrio aparece-lhe a Santa Virgem, mas uma vez mais se mostra rebelde e pertinaz no modo de conduta. Nossa Senhora exortou-o a receber o Baptismo e em sinal de compromisso quis deixar entre os deuses manes da tribu a sua Imagem. Nos últimos dias de vida, o índio recalcitrante, fecundado pela assistência da Virgem que por nós, pecadores, roga na hora da morte, recebe com unção a graça e a glória de filho de Deus por meio da água salutar do Baptismo.

A atestar a singular guarda de Nossa Senhora lá se ergue hoje o Santuário da «Virgem de Coromoto» a quem toda a República Venezuelana dedica particular devoção. Em 1952, passou o tricentenário da aparição da Virgem. A pequena imagem percorreu todo o país em ondas de fé e entusiasmo, dando azo a manifestações assombrosas de piedade. Constituiu especial demonstração de júbilo a estadia da Virgem, durante uma semana em Caracas. Ininterruptamente, dia e noite, esteve Nossa Senhora acompanhada de fiéis das diversas paróquias da capital.

Um outro momento sensacional na história de Guadanara e de toda a Venezuela, no mesmo ano, foi a coroação da Virgem de Coromoto pelo Arcebispo de Havana, Cardeal Arteaga y Betancourt, Legado «a latere» de Sua Santidade. A cerimónia foi a 11 de Setembro, principal festividade litúrgica de Nossa Senhora de Coromoto.

Em colectiva manifestação de piedade, o Estado havia declarado solenemente como «dia de júbilo» o 11 de Setembro de 1952. Após três séculos o facto portentoso era oportunamente apresentado como um novo apelo da graça, por intermédio da Medianeira de todas as graças; dirigia-se aos pagãos de hoje, e a todos os que vivem longe da fé, para voltarem à luz que rasgou as trevas do mundo. De facto, a Virgem que em 1652 tanto havia insistido para vencer o orgulho do índio Coromoto, perdido na solidão do Orenoco, conquista, volvidos três séculos, e continua a conquistar neste Ano Mariano o coração de cinco milhões de Venezuelanos.

A. CARRILHO



Os chefes políticos, os chefes religiosos, os ricos «santos», podem conhecer, amar os miseráveis, mas nunca se esforçarão verdadeiramente por debelar a miséria, porque jamais conseguirão saber até onde ela vai.

«A miséria, diz um tuberculoso sem cura, é muita e de muitas espécies. Eu próprio só sei avaliar a miséria da tuberculose e da fome. Não conheço as misérias da guerra, dos que estão nas cadeias, dos cegos, dos paralíticos, etc., etc.».

Para estes olhos não há horizontes, esta inteligência não é comum, o coração é demasiadamente grande para viver na barraca onde vive o corpo.

Haverá por aí quem tenha melhor sentido da caridade?

Um pai não pensa na sua felicidade, pensa na dos filhos.

Este pobre, humanamente infeliz, compadece-se primeiro da miséria dos outros que da sua. Homens destes só se encontram nas barracas.

«Já disse muitas vezes para a mulher e para os filhos, se tivesse nascido numa família rica podia ser uma fera».

Os analfabetos também conhecem psicologia — sabem que o homem em tais circunstâncias, com determinado ambiente é incapaz de reagir.

O homem muito sensível ao bem-estar e às doçuras da vida não quer conhecer a dor alheia; irritá-lo-ia.

«Os ricos, continua o tuberculoso, não sabem se existimos e dos que sabem uns não querem, outros não podem. Uns não podem auxiliar-nos

mais porque não sabem a nossa miséria e nunca a conhecerão porque a miséria só a conhece quem vive nela.

É o que lhe digo sr. X., as pessoas de bem, os ricos, não têm culpa porque não sabem e se sabem não conhecem».

Pela nossa ignorância nos perdoam. Por ignorantes não vemos a culpa, mas somos responsáveis.

«A fábrica X., fala mais um das barracas, despediu 50 homens. A fábrica Y., fez o mesmo».

Estes homens não têm trabalho; faltando este não há fonte de receita e a miséria surge.

«Oh Sr. X., continua: por nós era o menos, mas que havemos de meter na boca aos filhos?!

Isto desarma; fere o mais íntimo do nosso ser. A estas palavras não se podem opôr novas palavras; aqui só há uma atitude — se temos duas túnicas damos uma, se temos uma só temos vergonha de a guardar, damo-la. A solidariedade humana seria suficiente, mas há mais: temos a palavra de Cristo: «Todas as vezes que fizestes isto a um dos meus irmãos, a mim o fizestes».

«Sabe Sr. X., diz um foragido da província, isto agora por causa das máquinas é pior. Ele já dantes faltava o trabalho mas agora é mais — as máquinas fazem tudo: semeiam, ceifam, debulham.

Então culpamos a técnica? De facto os engenhos não se defenderiam da culpabilidade, mas, não obstante o sermos ignorantes, felizmente ainda lha não atribuimos.

Vemos o fumo. Há fogo. Não o vemos. Não queremos vê-lo.

O homem não receia o trabalho, O homem receia o «não trabalho».

O homem não se muda daqui para acolá, do campo para a cidade, da cidade para o campo. Não. O homem foge apenas à ociosidade.

« O Sr. X., diz um dos que vai suportando a dor e fome até que o Senhor o liberte pela morte, nós estamos a mais na sociedade. As pessoas de bem envergonham-se de nós — só temos lugar nos arredores da cidade... e se é preciso fazer uma estrada... só podemos estar onde ninguém nos veja».

Nós acreditamos no dito deste nosso pobre, mas não queremos crer na realidade profunda do mesmo.

Acreditamos que a miséria é roupa suja e por isso se oculta.

Mas acreditamos também que a miséria é mazela e como tal causa dor.

Ora todo o organismo é mais ou menos sensível; deve portanto sentir esta dor. Aliás, não a sentindo seria a morte — a chaga gangrenaria.

Convençamo-nos de que «dar de comer a quem tem fome e trabalho a quem dele necessita, fornecer habitação decente a quem a mereça e asilo aos que a doença e a idade inutilizaram, é defender a própria fortuna e garantir à sociedade a sua continuidade e a sua permanência».

Mas são realmente inferiores na sociedade?

Não. Eles podem quando muito ser considerados peças ínfimas.

Na sala de visitas ao lado da cadeira tem lugar o capacho.

E a prova de que são valores dá-no-la uma mãe que enquanto o marido sofre num leito do hospital, ela não sofre menos vendo à sua volta oito filhos que lhe pedem pão... É indizível a dor desta mãe.

Mas não obstante a sua miséria física, ei-la como fala respeitante a um emprego da sua filha mais velha (14 anos).

«Oh Sr. X., olhe que eu quero que seja casa decente, se a lá não deixam praticar a religião não quero que vá; prefiro que viva mal aqui comigo — os meus filhos nasceram com Cristo, quero que morram com Ele».

Casos destes são raros, são casos de heroísmo, eles não são mais do que excepções para confirmar a lei geral que o ditado tão bem traduz: «quando a miséria entra pela porta, sai a virtude pela janela».

Graças ao Senhor, todo o mundo parece já ter visto o fulcro da questão: todos os movimentos políticos e orgânicas se debatem entre os dois sistemas — económico e moral.

Ninguém se pode desinteressar do movimento; o ficar-se neutro é já traição.

Desde Leão XIII a Pio XII, a Igreja não se cansou de apontar o caminho, traçar normas, apresentar soluções — «ninguém apresentou até hoje, para resolver a questão social, um programa que seja superior à doutrina da Igreja em segurança, consistência e realismo» (Pio XII).

Respeitemos os direitos de Deus e os direitos do homem e logo surgirá a moral e a justiça.

«Lembremo-nos que o sentido da vida na terra reside na vida eterna; quanto mais nos compenetrarmos desta verdade mais fàcilmente colaboraremos numa solução aceitável da questão social» (Pio XII).

MANUEL NABAIS

O CINEMA E NOSSA SENHORA

O cinema é uma arte condicionada pelas exigências do público e reflecte, por isso, os seus interesses espirituais, a sua alma. Por exemplo, o cinema tìpicamente indiano difere do cinema característico dos Estados Unidos, não só, por vezes, na escolha de temas, mas sempre no modo de os ilustrar.

Mas, não obstante as dissemelhanças dos povos, verifica-se neles uma constante: a aspiração religiosa, vinda do íntimo da alma humana, ansiosa de Deus.

Assim, o Cinema, correspondendo aos interesses das multidões, de há muito se tem esforçado por incarnar, como arte, realidades sagradas. Ora a alma do povo ocidental católico vibra intensamente em presença da figura de Nossa Senhora, que, nestes últimos tempos, apareceu em Lourdes e Fátima, a trazer aos homens mensagens divinas. E, naturalmente vários filmes se realizaram sobre temas baseados nas aparições de Fátima e de Lourdes.

Já no começo deste século, filmaram-se em França várias peregrinações a Lourdes, até que, em 1923, ainda em cinema «mudo» apareceu o primeiro filme de valor apreciável sobre as aparições da Virgem: «*A Tragédia de Lourdes*». Desde então, o silêncio do cinema sobre temas deste género foi quase completo até 1943. Neste ano, Henry King realizara, nos Estados Unidos, o filme «*Canção de Bernardette*». Seguiu-se «*Porta do Céu*», produzido pelo cinema italiano e, em 1952, o público admirava «*La Señora de Fatima*», tendo aparecido ùltimamente «*Milagre de Fátima*», filme americano em tecnicolor.

Infelizmente, nenhum destes filmes constitui verdadeira obra de arte religiosa. Só comentaremos os três últimos, os mais conhecidos. (1)

No primeiro, uma certa intensidade dramática e um apreciável poder sugestivo dos actores — sobretudo, de Inês Orsini — permitiu à obra momentos de tensão emotiva: a primeira aparição da luz a reflectir-se no rosto dos pastorinhos, o diálogo de Lúcia com os que negavam a verdade das suas palavras, em geral a expressão no rosto dos videntes. Mas o filme peca fundamentalmente por um sentimentalismo exaltado, falho de profundeza e consistência espiritual, o qual transparece em todo o conjunto. Em momento algum, a acção se integra numa atmosfera evocadora da sobrenaturalidade dos acontecimentos. «A luz que emana da Virgem lembra um artifício de publicidade»... pretenso realismo...

«*Canção de Bernardette*», apesar da excelente qualidade técnica da realização, da expressão de fervor «patético» dos actores, do ambiente «poético» e pretensamente realista do conjunto, não deixa de ser uma simples obra de superficialidade de sentimento e enferma de graves defeitos: o intento de reconstituir correctamente a história, além de se fechar a todo o ambiente sagrado, faz incluir na obra cenas da corte do Imperador Napoleão III, que são quase um divertimento num filme de tema mais que sério. Como não se conseguiu assimilar a profundeza sobrenatural dos factos, temeu-se o enfadamento do público. O defeito principal do filme é o vão esforço de conciliar um didactismo com a poesia. Esse didactismo apologético priva a obra de toda a tensão entre o natural e o sobrenatural — seria, talvez, demasiado difícil e profundo para o espírito superficial do cinema americano, que sempre se arroga um optimismo desconhecedor da complexidade da vida. Este filme, estimado, embora, pelo público católico, não se desprende das dimensões terrestres.

«*Milagre de Fátima*», com os defeitos dos filmes atrás comentados, agrava-se ainda mais pela excessiva exuberância do tecnicolor que furtou a obra à mínima profundeza de espírito. Fazendo da imagem um todo que se basta, não se lhe conferiu poder algum de evocar algo de superior a si mesma. É certo que, por exemplo, a imitação do milagre do Sol é impressionante, mas os acontecimentos de 1917 não se reduzem a um simples conjunto de maravilhas.

---

(1) Baseamo-nos em H. Agel, «Le Cinéma et le Sacré», pgs. 95 e seg. e em P. Amédée Ayfre, «Dieu au Cinéma»

... Nenhum destes filmes tentou sequer sugerir, comunicar o sentimento interior do significado profundo da vinda de Nossa Senhora à Terra, um tempo da História tão afastado de Deus — sinal dum amor que abrange maternalmente todos os homens, uma insistência divina para os salvar.

Apesar de tudo isto, foram filmes aplaudidos pelo público católico.

O cinema, porém, não é irredutível a uma evocação profunda de realidades sagradas — autores não católicos conseguiram-no; os filmes declaradamente católicos falharam em densidade espiritual sendo, contudo, estimados pelo público, indistintamente dos filmes de primeira categoria artística. E «não é exacto afirmar que a vida cristã pode permitir tais confusões, porque existe uma cultura do gosto espiritual, um purificar de alma, uma educação do sentido crítico». (1)

A título de exemplo: «*Journal d'un Curé de Campagne*» e «*Les Anges du Péché*», realizados por Bresson, foram apreciados pelo público (não entre nós, onde nem sequer chegaram a correr) e são indiscutìvelmente superiores aos filmes comentados. É que o valor destes filmes não provém só da perfeição técnica, nem duma clareza didáctica ou dum poder de deslumbramento. O que se fez foi transfigurar as realidades para que o seu essencial evocasse imperiosamente a vida interior que as animava. São filmes cujas imagens estão ordenadas num ritmo que eleva o espírito a regiões próximas das da Graça (v. g. o valor sobrenatural do sofrimento cristão). «Sente-se» que as acções decorridas na tela só se explicam por forças sobrenaturais. E isto não é didactismo — esse, renunciando às complexidades vivenciais e ao inefável, foge do mistério e «não existe mistério onde nada mais há a saber, o mistério reside onde há mais a saber...» (2)

Todos sabemos que fazer arte cristã não é pretender só nem principalmente agradar ao sentimento, mas corresponder, no belo, às exigências do homem cristão.

Nem para haver cinema cristão é imprescindível ilustrar temas cristãos. Um filme será obra de arte cristã desde que, num plano artístico, tenha informado cristãmente uma parcela da vida, afastada, embora, dum estilo tìpicamente cristão.

---

(1) H. Agel em «Le Cinéma et le Sacré, pg. 108.
(2) J. Maritain, «Art et Scolastique», pág. 43.

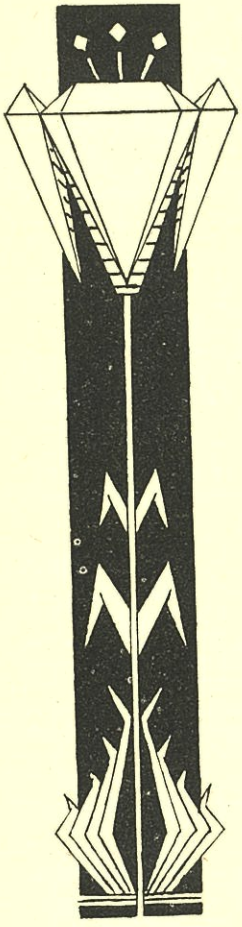
Também não devemos esquecer que a missão do cinema não é educar, mas ilustrar. Um filme densamente espiritual ou mesmo cristão apresenta a vida com uma significação íntima, um ritmo estrutural, cuja presença será «sentida» só por quem se dispuser de modo que ele se revele como fundamento da harmonia das realidades que passam na tela. E mesmo entre os que entendem a valência significativa da imagem cinematográfica, a realidade que anima o filme será intuida só pelos que a já conhecem. Os outros darão, talvez, diferente solução aos problemas suscitados pelas acções representadas. Reflectindo e vendo que não é essa a verdadeira — toda a verdadeira obra de arte tem uma alma objectiva — apenas ficarão sabendo que há realidades deles desconhecidas e que os transcendem. Por isto, o cinema não educa; é uma ilustração para aqueles que têm fé e um preparar o terreno naqueles que não a têm.

Os realizadores cristãos enfrentam, contudo, grandes dificuldades — o materialismo da nossa época, as exigências técnicas, o receio de insucesso perante um público que vai ao cinema em vista dum divertimento ou, quando muito, duma satisfação sentimental. Se é difícil uma arte cristã na pintura ou na escultura, muito maior dificuldade haverá em dotar de uma animação cristã uma arte viva, complexa, cheia de exigências da técnica e que não pode nunca desviar-se duma ordenação ao público..

Oferecer-se-á à sociedade uma arte cinematográfica cristã quando se ajudar os realizadores cristãos a projectarem cristianismo nas suas obras — e esse auxílio vem, em grande parte, da preparação do ambiente, duma educação catòlico-cinematográfica que chegue ao público frequentador do cinema.

O valor humanístico e artístico do cinema em si e o poder de influência de que ele é dotado na sociedade hodierna, exigem uma acção positiva... para que também a Sétima Arte seja cristã.

CLAUDIO TEIXEIRA



DA ICONOGRAFIA CRISTÃ

A Açucena

O símbolo da Açucena é, sem dúvida, um caso curioso e, por isso, digno de especial estudo, nos âmbitos que comporta o Simbolismo Litúrgico.

Todavia por estranha incoerência, identifica-se quase sempre com o lírio e no entanto há diferença entre ambos.

Os dois no campo da Botânica pertencem à família das liliáceas, mas enquanto a açucena (do árabe alsusen) chamada «lillium candidum» é sempre branca, confirmando o nome, e possui agradável odor, o lírio (iris, em botânia) tem disposição diferente nas folhas, cores variegadas, desde o tom branco a imitar a açucena, até ao roxo da tristeza e mesmo às cores mais garridas.

Sendo isto assim, poder-se-ia perguntar por que se confundem. Talvez questão de linguagem, talvez mesmo questão de proximidade de características naturais.

O próprio articulista do Dictionnaire de la Bible (cf. Lis) confessa a dificuldade na solução. Sendo o branco o símbolo da inocência, da pureza, da simplicidade, não foi difícil encontrar-se real objectividade na açucena.

E a própria Igreja aplica à Santíssima Virgem o que o Cântico dos Cânticos atribui à Esposa dos Cantores: «Sicut lillium inter spinas, sic amica mea».

Seria capítulo interessante para a história da devoção a Maria um estudo sobre o lírio e a açucena na nossa literatura.

Só um exemplo do Conde de Monsaraz:

Oh Virgem da Nazaré,
Oh Virgem Mãe de Jesus.
Lírio aberto ao pé da cruz
cujas pétalas de luz
vertem lágrimas de fé.

Postas assim as coisas é legítimo pôr o problema desta forma: ou quando se fala da pureza e se concretiza com o lírio quer dizer-se açucena, ou fala-se de lírio sim, mas na significação de tristeza.

E estão ambos bem aplicados pois Maria é o lírio roxo de Sexta-feira Santa, mas há-de ser sempre a açucena pura, a açucena sem mancha nem ruga.

A. TELES

Apresentamos...

LA RELEGION DU CHRIST (1)

Abbé DANSE

O A. apresenta nesta obra uma iniciação na vida cristã. Compendia resumidamente os temas fundamentais da Doutrina Cristã duma forma original mas sugestiva. Toma como base da exposição os textos da Sagrada Escritura, adoptando para plano desta exposição o próprio plano da Revelação na Bíblia: Deus criador, o Pecado, a Redenção, a Igreja, o Mistério da Santíssima Trindade. Estuda os deveres morais imediatamente a seguir a cada uma das verdades reveladas de que são consequência.

O livro não resolve nem esclarece absolutamente sobre o tema que se propõe, contudo a sua leitura incita a procurar elementos para uma compreensão mais nítida.

Aliás é este o desejo primário do A.: «Possam estas páginas despertar nos corações o desejo de conhecer, de viver e de estudar mais a religião de Cristo».

Breve, claro e de óptima apresentação gráfica, é um volume que virá a ser colocado com proveito nas mãos dos alunos dos nossos colégios.

LA NOUVELLE QUE VOUS ATTENDEZ (1)

Présentation por YVAN DANIEL

Com este título saiu a público uma nova apresentação dos Evangelhos. Não se trata de obra científica. Apenas uma tradução em francês corrente, utilizando quanto possível os termos que surgem na linguagem de todos os dias. Se o livro tem pretenções, a maior é a de querer que a voz de Deus proferida há 2.000 anos em terras do Oriente para uma mentalidade toda diferente da nossa ocidental, seja compreendida pelos homens de hoje, sobretudo dos menos cultos.

Cristo aparecendo no mundo sujeita-se a um condicionalismo histórico pelo que a expressão humana da sua mensagem carece de ser explicitada no decorrer dos séculos. Por isso os Evangelhos devem estar contìnuamente recomeçando a sua adaptação.

Yvan Daniel tem isto em mente ao empreender a presente tradução dos Evangelhos: — «queria dar a conhecer o *livro* no qual Deus vem ao nosso encontro, aos que não compreendem as formas tradicionais ou a elas não andam afeitos».

Depois de breves considerações sobre a Bíblia, Y. D. faz preceder cada Evangelho de pequeno mais suficiente resumo sobre a finalidade daquele e a pessoa do seu autor.

É de notar a impressão de cada Evagelho a cor diferente.

A apresentação atraente tornará este livro aceite do público a que se destina.

A. SANTOS

---

(1) Les Editions Ouvrières, Paris, 1954.
(2) Les Editions Ouvrières, Paris, 1954.

«LA PIERRE VIVANTE» (1)

MAURICE ZUNDEL

«O problema dos problemas é o homem. Nem os há senão porque o homem é para si próprio um problema». (pág. 13). Este problema fundamental considera-o o Padre Zundel de entre o homem e Deus. De contrário, não há um problema; há um absurdo. «La Pierre Vivante» é a afirmação clara do recto caminho do problema — a Santidade; ou, dizendo antes, a clara afirmação de que a única maneira de bem encarar esse problema é aceitar-lhe o Mistério.

«O drama humano vem... da tensão entre o seu *natural*, que fez de nós uma porção e um momento do universo, e o ser *pessoal* que deve desembaraçar-se da estreiteza cósmica e entrar numa existência ilimitada e intemporal». (pág. 81). O homem colocado entre o Mistério e o Absurdo, a Luz e as Trevas; o drama de sempre no cenário de hoje. O homem dos nossos dias mergulhou fundo na experiência do Absurdo. Foi negada a pessoa; o ser humano «objectivou-se». Porque bebeu o amargo da experiência Camus entrou na Revolta. Mas não entrou no Caminho.

O livro do P.e Zundel pode classificar-se como introdução à religião interior, incentivo à experiência do Mistério. A resposta de sempre aos homens de hoje: o caminho é para Deus.

Aproveitando a história da Igreja e os largos avanços da Exegese, o P.e Zundel fala, em vários capítulos, do Dogma da Presença de Deus que Se revela e Se incarna com a solicitude de um Amigo cujo Amor, de facto, nos esvazia das nossas limitações para nos encher do valor infinito da Sua Santa Vida Trinitária.

A definir a vida cristã por certa multidão de baptizados, apenas teríamos uma noção estática, uma noção de quiescência, de fadiga ,de recusa. Converter-se era imobilizar-se. Mas o Cristianismo é, de essência, o contrário. Não é o estacionamento de alguns crentes, perante a agitação da humanidade, que tornam o Cristianismo imutável apesar de combatido. A originalidade do Cristianismo é, precisamente, a de nos apresentar uma Pessoa, antes que uma doutrina; a de nos oferecer uma luz sem mistura através de uma Humanidade sem fronteira». (Pág. 39).

O cristão, de facto, renuncia. Renuncia ao individualismo, à limitação no tempo, à imobilidade no espaço, para se revestir de Cristo, ser membro do Seu Corpo Místico, da Sua Igreja militante. A perfeição cristã é o prolongamento da Revelação e da Incarnação, a Transcendência de Deus em cada homem.

Obra dinâmica e profunda, este livro do P.e Maurice Zundel. Os olhos da razão serão tardos em compreendê-la, porque as verdades ditas repetem, afinal, as de Cristo: «Sede perfeitos como vosso Pai Celeste é perfeito» (Mt. V-48). Só os que vivem da Fé aproveitarão destas palavras quanto espírito nelas se guarda.

D. MARIA II (A RAINHA E A MULHER (2)

ESTER DE LEMOS

Ester de Lemos entrou nas Letras com «Rapariga», um romance editado em 1949. Então, os elogios da crítica excederam o vazio das formalidades e o vulgar mecenato dos incitamentos. Hoje, com «D. Maria II — (a Rainha e a Mulher)», Ester de Lemos confirma e amplamente acrescenta o valor literário que lhe foi atribuído.

O livro presente nem deve enfileirar-se na erudita série de uma historiografia

---

(1) *Les Éditions Ouvrières, Paris, 1954.*
(2) *Edição da Fundação da Casa de Bragança — 1954.*

exaustiva, nem pode tomar-se na linha do romance histórico. A romancista perante a História não criou uma figura mas ressuscitou-a. «— Ressuscitar inteiro um ser humano, com as suas dores e alegrias, a sua grandeza e a sua pequenez» — eis a tarefa difícil que a Autora realizou. De facto, D. Maria II, tantas vezes esquecida pelos que estudam o turbilhão político de Oitocentos, Rainha que excede a Mulher, não porque a Mulher se diminuísse mas porque os dramas da Nação a assoberbassem, D. Maria II torna a viver nestas páginas os momentos revoltos dos seus breves 34 anos.

A edição, da Fundação da Casa de Bragança, a comemorar o corrente Centenário da morte de D. Maria da Glória, é de elegante apresentação em papel avergoado, com numerosos «extra-textos», e vinhetas de Júlio Gil.

F. MELRO

«SENS CHRÈTIEN ET VIE SOCIALE» (1)

Cônego P. TIBERGHIÊN

Acaba de aparecer «*Sens chrétien et vie sociale*» de um professor da Faculdade Teológica de Lille.

O livro apresenta-se mais como uma reflexão sobre alguns temas centrais, que como expressão seriada da doutrina da Igreja em matéria social.

No intuito confessado de «abrir perspectivas novas», o autor desenvolve os diversos capítulos fazendo constante apelo a princípios filosóficos e teológicos — processo que vinca admiràvelmente as ideias e que recuando a perspectiva, alarga os horizontes, facilita uma visão de conjunto.

A ideia mais batida é a de que a intervenção da Igreja na questão social é ao mesmo tempo indispensável e insuficiente.

É indispensável, porque «toda a maneira de conceber o bem social comporta necessàriamente uma concepção do homem». (pág. 15). Ora a natureza e destino humanos ultrapassam a ordem terrena a que se confina o poder civil. É no entanto sobre este que recai a obrigação das realizações concretas e daí o dizer-se que a palavra dos Papas está longe de ser tudo...

A questão social, como questão fundamentalmente temporal, não está na linha directa da missão da Igreja.

«É portanto necessário afirmar que não existe Economia política ou Sociologia cristãs (...) capazes de ser inseridas como capítulos numa exposição da moral social da Igreja». (pág. 14)

Perante a relidade de uma *Vida Social* em contínua evolução, o papel da Igreja assemelha-se mais ao do fermento, que sendo de dimensões reduzidas, tudo penetra e anima.

O núcleo de princípios da nossa moral social, é assim susceptível de comandar o progresso das colectividades, de orientar as soluções do futuro em ordem à segurança e prosperidade sociais.

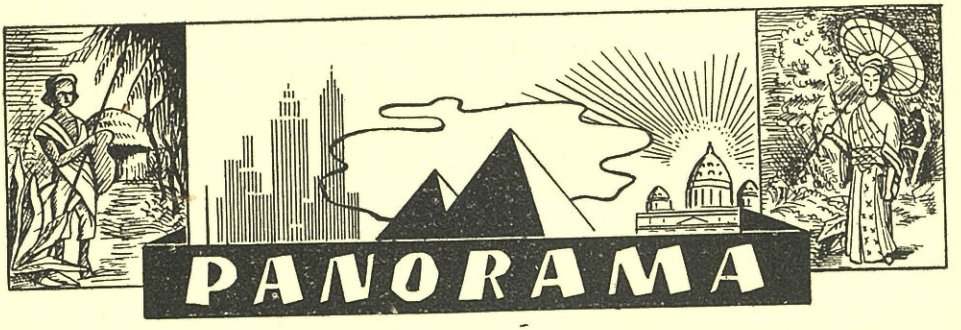
Salienta-se o papel dos católicos, que, membros das duas *Cidades* devem ser no domínio temporal os propulsores do Mundo Novo, nunca descurando o trabalho animoso pelo reinado da justiça e da caridade.

Temos diante de nós um excelente livro para todos os que desejem adquirir alguma bagagem de conhecimentos básicos em matéria social. Evitarão esbarrar com linguagem técnica ou análises de massiça argumentação, e poderá dizer-se com inteira verdade que fizeram um estudo aprofundado.

ABÍLIO TAVARES

---

(1) Les Editions Ouvrières, Paris, 1954. Representante exclusivo em Portugal: Edições JOC, Campo Santana, 43 — LISBOA.



1 de Maio

Quando os que possuem a verdade não a fazem produzir logo surgem outros na violência, a concretizar caminhos que Deus traçou. É a lei da história. E então, no nosso século, muitas têm sido as verdades enlouquecidas que originam desvarios e desmandos. Mais tarde volta a serenidade. Faz-se a destrinça e assume-se o que há de aproveitável.

Foi assim com o 1.º de Maio.

Uma data que amanheceu na revolta. Nos alvores do nosso século, começaram a estalar em Chicago as primeiras rebeliões, sob o signo do socialismo e da anarquia. A classe operária estava muito longe da organização que possui em nossos dias. Era ainda a infância. E as revoltas vinham sendo afogadas nas lágrimas da repressão armada.

Se uma doutrina, para o ser, necessita dos seus mártires, também a classe operária cimentou a sua mística nas vítimas da repressão.

É triste verificá-lo, mas foi assim, no ódio, que a classe operária foi extorquindo os magros privilégios que hoje possui. Concessões arrancadas à violência, deixam o caminho juncado de cadáveres

Assim este dia é mundialmente consagrado à memória dos que cairam.

De si o ódio não produzia nada, mas estava ao serviço de verdades fundamentais: todo o homem tem direito à vida, a uma existência honesta para si e para os seus, todos somos irmãos porque fomos criados pelo mesmo Deus...

Progredindo um pouco assentaram muito bem o conteúdo da mensagem cristã.

Foi neste sentido que, a 1 de Maio do ano passado, o Papa se dirigiu a um grupo de trabalhadores italianos:

«O mundo celebra hoje o 1.º de Maio, Festa do Trabalho. Quem, melhor que o cristão autêntico, pode dar-lhe todo o seu significado? Para ele, é um dia em que venera e adora mais profundamente o Homem-Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, que, para nos servir de modelo, de amparo, e santificador, passou a maior parte da sua vida no exercício de um ofício manual como o de qualquer simples operário.

É dia de acção de graças para todos aqueles que, pelo trabalho, asseguram para si próprios e para a família uma vida pacífica e tranquila.

É o dia em que se afirma a vontade de superar a luta de classes pela realização da justiça social, da mútua estima e da caridade fraterna.

É o dia em que a humanidade crente promete criar, pelo trabalho do seu espírito e das suas mãos, uma cultura para a Glória de Deus, uma cultura que, longe de afastar o homem de Deus, o aproxima d'Ele cada vez mais».

O Santo Padre não perdeu o ensejo de chamar a atenção para a grave questão do desemprego, flagelo que atinge não só a Itália, como ainda «em maior ou menor escala, todos os países da Europa».

«De boa mente reconhecemos as precauções múltiplas tomadas nos últimos anos em favor dos operários. Mas há ainda muito a fazer, e quereríamos reafirmar-vos, amados filhos, como participamos nas vossas angustias.

...Sem dúvida que, hoje como sempre, a Igreja está do lado do trabalhador quando ele sofre um contracto de trabalho injusto, ou quando não são observados os contractos colectivos, ou ainda quando, sem lesar os direitos de outrem, podem ser melhoradas as suas condições jurídicas, económicas e sociais».

É sintomática a escolha de data tão significativa para se relembrarem ao mundo os sãos princípios da ética social. Pelo brado do seu Chefe visível, a Igreja como que sancionou a Festa do Trabalho. É esta aliás, a sua missão; santificar as realidades terrestres, e, uma vez purificadas, ofertá-las ao Senhor Jesus que de tudo é Senhor e Mestre.

A. JORGE

Caridade da Igreja no Ano Mariano

Não é só na esfera estrictamente espiritual que o Ano Mariano tem sido fértil em exuberantes manifestações de entusiasmo e iniciativas dignas de nota. Também nos chegam notícias de gestos admiráveis de alguns que, ao mesmo tempo que o imploram à Santíssima Virgem, se inclinam sobre as chagas dolorosas *daqueles seus irmãos a quem falta conforto moral porque começa por faltar o material.*

Não se esquecem fàcilmente os rasgos de caridade do P.e Pedro, na recente vaga de frio que fustigou a França, castigando duramente os «sans-logis» que por lá regorgitam.

Foi precisamente a fazer face a problemas de alojamento que se levantaram algumas eminentes figuras da Igreja, desejando com o seu gesto honrar Nossa Senhora.

Em Bolonha de Itália, o cardeal Lercaro, que dotes de irradiante simpatia e acessibilidade, e iniciativas como a das patrulhas sacerdotais ambulantes já tornaram mundialmente famoso, propõe-se fazer edificar 41 casas capazes de alojar 76 casais de noivos, que por dificuldades de habitação estejam a retardar o casamento.

Neste capítulo são particularmente alarmantes os prejuízos causados pela guerra, que deixou multidões de famílias sem paredes sólidas e telhados que resguardem. É por isso que o exemplo está a ser seguido em muitos países da Europa, sobretudo na Espanha, França e Alemanha ocidental. À frente, os Ex.mos Prelados, não obstante a sua atitude ter já provocado ditos impertinentes de conservadores comodistas como o de que construir casas não é negócio de bispos...

Os atingidos não pensam assim, e para nós é quanto basta, além de que estão em jogo superiores interesses morais e espirituais.

O Cardeal Lercaro não receou inaugurar o Ano Mariano com o lançamento da primeira pedra do referido bairro. Não há dúvida que aos pés de Nossa Senhora só pode falar com sinceridade das «angústias do mundo» quem no âmbito da sua influência se esforça por minorá-las.

A. TAVARES

Pio X e o Seu pontificado

Pio X surge numa época, em que na Igreja se agitavam problemas difíceis, aos quais soube dar a melhor solução. Com uma actividade muito semelhante à de S. Gregório Magno, também na fisionomia espiritual os dois grandes Papas se aproximam. «A treze séculos de distância houve nUm e nOutro, o mesmo fogo interior, a mesma firmeza ousada na execução de formas audazmente concluídas, o mesmo delicado gosto da música sagrada, o mesmo amor à oração oficial da Igreja, o mesmo empenho em fazer participar as assembleias cristãs na grande Acção do Altar». Estas palavras, que mãos de Mestre escreveram, resumem perfeitamente o campo da actividade litúrgica de ambos os Pontífices.

A renovação em Cristo de todas as coisas que Pio X se propôs efectuar, ao ascender ao sólio pontifício, está hoje, mais do que no Seu tempo, a atingir o seu completo objectivo.

Pio X era extremamente piedoso. «Quem d'Ele se aproximava, diz Von Pastor, sentia a convicção de estar na presença de um santo». Não admira portanto, que se tivesse lançado decididamente, numa campanha de afervoramento do povo cristão contribuindo assim para a santificação da Igreja militante. Compreendendo que para isso muito contribui a majestade do culto, a sobriedade das cerimónias e do canto litúrgico, começa por aí a renovação. Já antes, como Patriarca de Veneza, dera grande incremento à música sacra na sua Diocese. É de 22 de Novembro de 1903, o *Motu proprio,* a cujas normas deu força de lei. Proscreve das cerimónias litúrgicas a música profana, executada em formas teatrais, e reabilita na sua pureza, o canto gregoriano. Não pretende o Sumo Pontífice fazer inovação na legislação eclesiástica, mas antes, reunindo disposições anteriores, dar-lhes solene confirmação.

Pelo decreto *Sacra Tridentina Synodus* de 20 de Fevereiro de 1905, põe termo a uma questão antiquíssima, inculcando aos fiéis a recepção frequente e mesmo quotidiana da Sagrada Eucaristia. O erro jansenista, bastante espalhado, afastara os cristãos da frequência dos sacramentos. Pelas exigências que impunha a quem quisesse comungar, fez com que muitos se julgassem indignos de receber a sagrada Eucaristia. Participar d'Ela, era, na falsa concepção, receber um prémio para reprimir as paixões, purificar das faltas leves e preservar dos pecados mortais. Mais tarde, pelo decreto *Quam singulari,* declara obrigatória a comunhão aos meninos a partir do uso da razão, mesmo sem um perfeito e completo conhecimento da doutrina cristã.

Ordenou a codificação do Direito Canónico, a obra que não conseguiu ver terminada, mas que havia de ser uma das mais gloriosas do seu Pontificado. A Igreja regia-se por leis dispersas, às vezes desconhecidas, das quais algumas haviam perdido a oportunidade, ou tinham sido abrogadas por outras. Nomeia uma Comissão de Cardiais, à qual preside, encarregando-a de principiar os trabalhos. Estes só vieram a terminar em tempo de Bento XV, publicando definitivamente o Código. A Pio X se deve no entanto a glória e o mérito de

tão árdua empresa, aliás reconhecida por Bento XV, que O considerou como seu único autor.

Reformou ainda o Breviário, oração oficial da Igreja, tornando mais fácil a sua recitação. Modificou o calendário litúrgico, adaptando-o melhor às necessidades dos fiéis. Mitigou a lei do jejum e abstinência. Reorganizou os Tribunais eclesiásticos, e tomou tantas outras disposições, umas de maior, outras de menor vulto, que lhe dão jus a ficar na história, como um dos maiores Pontífices legisladores.

Particular interesse dedicou ainda ao clero, que queria ver formado no espírito de disciplina, de sacrifício, obediência à hierarquia, e sobretudo, numa abundante e sólida cultura intelectual, segundo as exigências do ministério. Com esse objectivo, mas particularmente, para evitar que ascendessem ao sacerdócio vocações contaminadas por um *espírito novo,* independente, insistiu junto dos Bispos para que usassem das devidas precauções nas ordenações de novos clérigos.

De facto, aparece no começo deste século, uma tendência a que se chamou *Modernissimo* a querer modificar o pensamento tradicional da Igreja, a negar a revelação como meio de transmissão da Verdade. É sem dúvida, fruto da mentalidade racionalista do século anterior. Sem negar directamente o Dogma católico, conduzia a ciência teológica, à privação do seu carácter de verdade objectiva e imutável. Não era sem fundamento que os corifeus destas ideias heterodoxas, aparentemente inofensivas, procuravam conquistar a simpatia do clero jovem. Ninguém mais do que ele, estava em melhores condições de fazer interessar os fiéis, no plano de transformação do catolicismo tradicional.

Pio X, porém, vigiava, e na altura oportuna, depois de muita oração, com Sua autoridade infalível, dissipou o erro.

Pelo decreto *Lamentabili,* condena 65 proposições relativas à Sagrada Escritura e sua inspiração, e a diversos pontos do Dogma.

Pouco tempo depois, em Setembro de 1907, aparece a famosa Encíclica *Pascendi,* na qual o Santo Padre sistematiza os diversos erros, condenando-os, e pondo a claro as contradições entre o *Modernismo* e o Catolicismo. Diz-se que a condenação, cheia de autoridade, do Supremo Chefe da Igreja, foi talvez a mais eficaz que se há lançado contra uma heresia.

Exige e intensifica uma vigilância séria nos centros de ensino oficialmente católicos, afastando deles, todos os que se deixaram contaminar pelos erros anatematizados. Foram chamados a submeter-se os seus mentores, um dos quais ,o Padre Loisy, não acatando as directrizes da Santa Sé, foi excomungado. Revistas, livros e outras publicações foram igualmente condenados.

Esta atitude decidida do Papa, insurgiu contra a Sua augusta Pessoa, não só os alvejados, como também certos católicos desapercebidos do veneno que minava a Igreja.

Foi pelos *modernistas* comparado a Juliano Apóstata, porque assim como aquele inimigo do cristianismo procurou destruir a Igreja, impedindo aos cristãos o ensinamento das suas doutrinas, assim também Pio X impedia a difusão do novo cristianismo...

Pio XII, felizmente reinante ao declarar solenemente as Suas virtudes, exaltará por certo a Sua obra, concretizada na grande renovação litúrgica que em toda a Igreja se verifica.

H. CORREIA

VELAS DE CARDIGOS

J. D' Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 **B. Baixa-CARDIGOS**

A casa que há 103 anos criou e mantém o prestígio das **VELAS DE CARDIGOS**

Premiada em 7 Exposições, 4 Estrangeiras e 3 Nacionais

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — **RUA DO OURO, 166 a 170**

Lustres Lanternas — Placas Casticais Lâmpadas Suspensões
Banheiras Caldeiras Esquentadores Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — ASCENSORES — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — VENTILAÇÃO — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

MARCA REGISTADA
COUSINHA-O MELHOR RELÓGIO
ALMADA-PORTUGAL

A BOA CONSTRUTORA

FÁBRICA DE RELÓGIOS NACIONAIS MONUMENTAIS

Manuel Francisco Cousinha & Filhos

Telefone : Almada 165 — Telegramas : **Fabrirelógios** — Almada

Rua Capitão Leitão, 253 C-D-255 — Almada — Portugal

Relógios mecânicos e eléctricos para torres e edifícios públicos — Relógios-carrilhões que tocam trechos musicais — Relógios fabris com dispositivos de comando — Relógios eléctricos secundários — Máquinas que dão corda automática aos relógios mecânicos — Teclados eléctricos e manuais para sinos — Máquinas sineiras automáticas — Sinos afinados e avulso — Mostradores, sirenes, pára-raios, cata-ventos e Cruzes luminosas.

Dez e quinze anos de garantia — Trinta anos de prática

Premiado com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido

SOCIEDADE INDUSTRIAL
METALURGICA
S. A. R. L.
SERRALHARIAS
Rua de S. Tiago, 13 LISBOA

C. SANTOS
LANIFÍCIOS
Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.
Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor
DESCONTOS E PRAZOS
COVILHÃ

SOCIEDADE EDITORA
ALA ESQUERDA L.DA
Composição e impressão de Jornais, Livros e Revistas
Trabalhos tipográficos em todos os géneros
Telefone. 268 BEJA—Apartado 25
(Oficinas Gráficas da Diocese)

OURIVESARIA
ALIANÇA
Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro.
As mais especializadas oficinas para a esmerada confecção de todos os objectos do culto católico
Rua das Flores, 191 a 211
PORTO
Rua Garrett (Chiado), 50
LISBOA

Sociedade de Tapeçarias, L.da
ESTOFADORES E DECORADORES
Rua Augusta, 126 - 130 Tel. 26669
Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.
Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas
As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros
Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

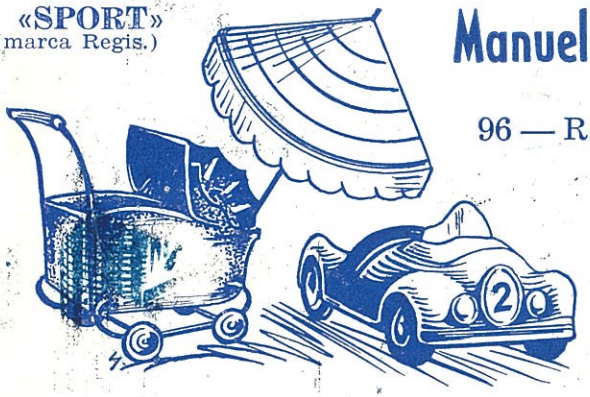
Oliveira & Vieira, L.DA

ESTOFADORES - DECORADORES

MÓVEIS ESTOFADOS EM TODOS OS ESTILOS E MODELOS
DECORAÇÕES EM TODOS OS GÉNEROS

Av. D. Carlos I, 140 Telef. 61864 — LISBOA

«SPORT»
(marca Regis.)



Manuel José Soares

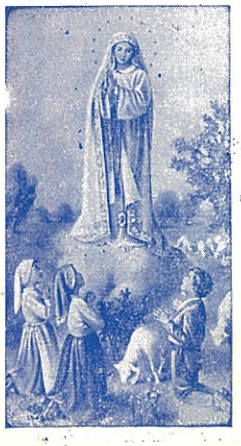
96 — R. Coelho Neto — 98
Telefone 51676

PORTO

Fabricante de automóveis, triciclos, carros e cadeiras para crianças

Nos Bazares prefira sempre a marca «SPORT»

Especialidade em toldos, guarda-sois, ferragens e panos em todos os modelos para estabelecimentos



IMAGENS MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS
E
TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

FUNDADA EM 1866

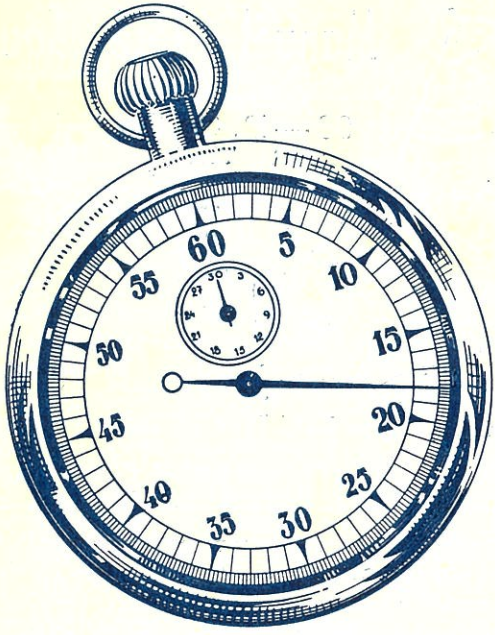
Sousa Tavares L.da

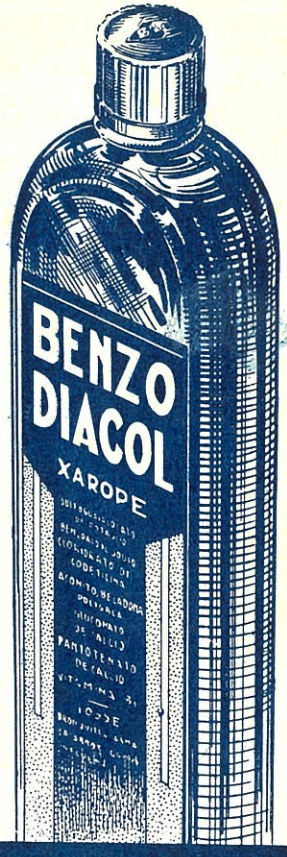
220, RUA AUGUSTA, 222 Telef. 2 7757

LISBOA

TOSSE ?

DESAPARECE RÀPIDAMENTE





COM

BENZO-DIACOL